

“MÍDIA E MULTIMÍDIA NOS LABIRINTOS DA VIOLÊNCIA”*

Regis de MORAIS*
Ph.D.

Os filósofos dizem que, mais do que um “ser-no-mundo”, o homem é um “ser-com-o-mundo”. O homem come os frutos materiais e espirituais que o seu mundo lhe propicia, hidrata-se - ele próprio tendo 70% de água em sua composição orgânica - dos mananciais d’água desse mundo; e, sobretudo, a sua personalidade ganha configuração e identidade na profunda comunhão com seus semelhantes humanos e com as condições apresentadas pelo seu meio geográfico. Tudo isto significa que é impossível pensar-se o ser humano senão em intensa interação com seu *habitat* e com o suporte material do mundo que o envolve e, mais do que simplesmente envolvê-lo - o que indicaria certa exterioridade equivocada - penetra o seu ser.

Freqüentemente, dizemos que um tal tipo de música nos acalma e apazigua, mas que tal outro desagrada-nos e nos irrita; da mesma forma que nos referimos ao convívio com certas pessoas que nos fazem mais tranquilos e seguros, na mesma medida em que o convívio com outras nos caceteia, irrita-nos e até chega a deprimir-nos um pouco. Por outro lado, há lugares cuja configuração e paisagem nos são benéficos - sejam lugares litorâneos, rurais ou urbanos,

(*) Capítulo do livro *Violência e vingança social* (no prelo).

(**) Doutor em Educação e Livre Docente. Professor Titular aposentado da UNICAMP. Atualmente, professor titular do Mestrado em Direito - PUC-Campinas.

enquanto outros sítios nos são desagradáveis ou pelo menos deixam-nos indiferentes. Isto chega até a níveis inconscientes, como quando vivemos uma dada situação ou conhecemos pessoas que se mostraram atenciosas e educadas conosco, e nós, lá no fundo, sentimos não ter gostado da situação vivida e das pessoas conhecidas; confundimos, em nossos sentimentos, porque parece-nos sem sentido não termos apreciado positivamente pessoas que foram amáveis conosco. É quando descobrimos com mais clareza que a nossa vida consciente tem conteúdos inconscientes indomináveis que às vezes nos assustam.

Vamos por esse caminho do óbvio, apenas lembrando vivências que são de todo ser humano, buscando simplesmente compreender em maior profundidade o que é tão comentado mas, volta e meia, pouco compreendido em toda a sua importância: a *interatividade humana*. O homem age sobre a natureza, manipula-a, transformando muitos aspectos naturais; e cada ser humano age, de variadas formas, sobre outros homens e mulheres, às vezes alterando as vidas destes. Mas isto é uma pista de mão dupla, de vez que todos estamos mais ou menos sujeitos às ações das forças naturais, como mais ou menos submetidos às influências que nos vêm dos nossos semelhantes. É, então, nessa dinâmica de interatividade que precisamos considerar as formas de comunicação humana com seu alto poder de sugestão, com sua capacidade de impressionar.

As relações face a face (que são, normalmente, as mais fortes e completas), os entendimentos epistolares, as conversas telefônicas, as transmissões radiofônicas e de televisão bem como a veiculação de fatos e idéias por jornais, e revistas - toda essa trama comunicacional vai-se complexificando e sofisticando, até aos limites dos recursos de *internet*. Mas, até este momento, a forma de comunicação mais influente e de impacto tem sido a televisão, na medida em que esta se tem situado como mediadora entre sensibilidade e inteligência humanas e os dados objetivos da vida social. Há países, e este é o caso específico do Brasil, que tiveram televisão antes de que o seu povo tivesse desenvolvido hábito de leitura, por exemplo; isto significa que antes de ter sido possível um bom período imaginoso e

reflexivo, deu-se o mergulho violento naquilo que é hoje chamado *sociedade icônica* - o absoluto predomínio das imagens visuais sobre as atitudes reflexivas e de apreciação de textos.

Hoje, principalmente quando o centro das preocupações é a violência, discutem-se muito os papéis cumpridos pela TV no dinamismo da interatividade humana. Abordando só esporadicamente outros aspectos da mídia, neste capítulo quero deter-me na consideração das relações existentes entre os elementos *violência* e *mensagens televisivas*. Aqui pretendemos deixar de parte preconceitos e hipocrisias, buscando o socialmente palpável - aquilo que tem sido a vivência de pessoas e famílias sob a influência dos "discursos" televisivos. Será no mínimo cínico que queiramos abraçar, antes do mais, o ponto de vista de que este ser interativo, francamente impressionável e sugestionável, que é o homem, em nada ou quase nada se deixe abalar pelas ordenações ideológicas de imagens e discursos desse poderoso meio de comunicação de massas que é a TV.

Vejamos aspectos deste questionamento.

1. VIOLÊNCIA NA TV: REPRODUÇÃO E PRODUÇÃO

Sempre que alguma voz ainda ousa levantar-se para acusar a irresponsabilidade da maior parte das mensagens televisivas, correm logo teóricos da moda para - num esforço indistigável - buscarem minimizar o poder de alteração dos comportamentos que tem a televisão. E estes "sacam dos coldres" um sem-número de pesquisadores estrangeiros e nacionais que concluíram, em suas investigações, pelo muito brando poder de impacto da TV; mais ainda: alegam que as críticas feitas à manipulação de opiniões feita pela TV acabam propiciando é clima para o retorno da censura e dos seus nefastos moralismos. Animados ou não pelos referidos teóricos, homens de televisão que vivem mergulhados em sua prática, costumam invocar para esse meio de comunicação uma tal *santidade* que São Francisco de Assis nunca pensou em chamar para si. E o cidadão

comum, que olha em torno de si e vê as coisas, registrando o que realmente acontece, sucumbindo ainda ao “princípio de autoridade” (as “autoridades no assunto”) sente-se desorientado.

O normal, nos teóricos do momento e nos homens de televisão, é procure passar a idéia de que a responsabilização da TV por negativos transtornos de comportamento é coisa antiga e superada, por hiperdimensionar o impacto das mensagens televisivas na vida social. No entanto, guardados os devidos cuidados, é esse ponto de vista “antigo e superado” que vou reassumir, principalmente por me negar a visões unilaterais que comprometem o tecido dialético da existência humana; tenho repetido que, nos negócios humanos não funciona o raciocínio disjuntivo “*ou isto ou aquilo*”, mas funciona um exercício mais sutil de pensamento do tipo “*isto e aquilo*”. Quero dizer que, sendo o discurso televisivo um produto humano, ele não será apenas anjo ou apenas diabo, mas anjo e diabo simultaneamente - restando afinal para avaliar-se o que tem predominado, se mais *angelitude* ou se mais *satanice*.

Ciro Marcondes Filho, em seu livro simples mas muito apreciável *Televisão: a vida pelo vídeo* (S. Paulo, 1988), escreve: “Há um grande mito, popularmente disseminado, de que os meios de comunicação - em especial a TV - formam a opinião pública. Na verdade, porém, sua atuação não é tão decisiva” (p. 89). A seguir, apoiando-se em Dieter Prokop, lembra seus leitores de que posicionamentos e opiniões problemáticos já se encontram arraigados no tecido social e nas histórias individuais, sendo que, no mais das vezes, a TV desperta ou confirma essas opiniões e atitudes, não muito mais do que isto (*Ibid.*, 89).

Ora, se a TV não tivesse importante papel na formação de opinião e na alteração de comportamento, imagine-se se a Rede Record, a Rede Vida, a Rede Globo e outros canais investiriam milhões e milhões de reais ao mês em suas programações; estou de acordo com que a TV não decida, de forma todo-poderosa, a vida social, mas penso não ser difícil ver-se que as mensagens televisivas

jogam um papel muito considerável em tal decisão. Se assim não fora, que efeitos teriam os filmes de publicidade e propaganda, cuja óbvia finalidade é diminuir, por condicionamentos, a liberdade psicológica de escolha, praticamente usando formas de sugestão que limitam a decisão do telespectador em favor do consumo do produto propagandeado? Grandes empresas nacionais e transnacionais disputam, segundo índices de audiência, os chamados horários nobres; e isto não pode ser por acaso.

Quanto à contaminação de violências, é de destacar-se um episódio real, amplamente divulgado por vários informativos, no qual um casal de jovens norteamericanos que assistiram mais de uma vez ao filme *Assassinos por natureza*, saiu praticando os mesmos crimes mostrados pela película disponível para vídeos. Pode-se, nisto, alegar que é o cinema - e não a TV - que deve ser focalizado como contaminador; mas o raciocínio tem que ser outro: se o cinema, que trabalha uma "linguagem" que nem sempre é tão objetiva e impactuosa logrou tal condicionamento, o que não se pensar dos poderes da "linguagem" incisivamente direta da TV?

Estou pronto a concordar com a afirmação de que a televisão não cria a violência do nada. "A TV não esconde que a sociedade seja violenta, ela a reproduz inteiramente" (MARCONDES FILHO, 1988: 88); assim, a televisão traduz violências já existentes na sociedade. Isto é verdadeiro; mas isto só, é meia verdade. Não podemos nos esquecer de que os meios tecnológicos e artísticos da TV, na medida em que traduzem ou reproduzem a violência já latente na sociedade, *hiperdimensionam* a violência, causando abalos emocionais indiscutíveis; em alguns aspectos, o *meio* recria a mensagem e se confunde com esta.

As imagens e situações de violência causam um impacto dinamizador sobre enquistamentos doentamente violentos do subconsciente das pessoas, e isto resulta em tensão emocional estressante que propicia, por conseguinte, aquilo que popularmente é chamado de "um astral ruim". Tal como ocorre com tumores e

enquistamentos orgânicos, quanto mais manipulados, mexidos e traumatizados, maior a expansão infecciosa e maior o sofrimento. Então, não bastará dizer-se que não foi o instrumento de manipulação que produziu ou criou o tumor, pois é de fato o instrumento traumático que agravou o estado de tumoração e auxiliou a expansão do quadro infeccioso que era restrito e limitado organicamente. Bem sei que sempre é problemático usar imagens orgânicas para comentar o social; mas muitas vezes não é de todo infrutífero, alcançando colocações mais didáticas. Em meu caso, neste texto interessa-me pouco permanecer com muitos cuidados intelectuais e pouca clareza.

Excetuando as televisões culturais e educativas geridas por Estados, o que temos assistido é a uma insuportável hipocrisia; isto porque as Tvs empresariais noticiam e comentam a violência evidenciando, em seus discursos, aguda preocupação com os índices indicadores do progressivo aumento da violência social, enquanto selecionam filmes e produzem seriados próprios que fazem clara doutrinação violenta. De nada adianta J.S.R. Goodlad, citado por Marcondes Filho, garantir que a violência, como explosão da ordem social, é rejeitada pelos telespectadores (*Ibid.*, 86); que o telespectador assiste a um filme ou seriado violento para ver, no final, a ordem ser restabelecida e os infratores punidos. Isto pouco vale, de vez que o que acaba ocorrendo é uma banalização da violência no cotidiano em cima da passividade de telespectadores dos mais diversos níveis culturais, passividade esta que pode explodir a qualquer momento por saturação ou por mobilização do lado sombrio que toda personalidade tem.

Os profissionais de TV, respeitadas as exceções existentes ainda que em pequeno número, mostram-se muito irritados com idéias como as que exponho, permitindo-nos ver espetáculos de candura (ou cinismo?) nos quais dizem que a televisão é inócua, que suas mensagens não incidem negativamente sobre a triste violência atual; foi o que se viu, por exemplo, na década de 70, quando José Bonifácio de Oliveira Sobrinho (o Boni, da Rede Globo) prestou depoimento à CPI da Violência, no Senado Nacional. Segundo o mais importante

executivo da televisão brasileira à época, trata-se de um absurdo e de uma incompetência acusar-se, nos meios de comunicação de massas, ações que agudizem o problema da violência. Sobre depoimentos deste tipo escrevi, em meu pequeno livro *O que é violência urbana* (1981): "Todos os citados, acusando os que deles discordam de incompetentes improvisadores e amadoristas, trazem, para apoiar seus pontos de vista, resultados de pesquisas que frisam serem científicas e que inocentam cabalmente os meios de comunicação. Mas, como ensinou um grande professor no assunto, pesquisa científica é meio parecida com pescaria. Isto é: se eu quero apanhar peixes grandes, uso anzóis grandes e fortes; se quero pescar peixes miúdos, uso anzóis pequeninos. De tal modo que posso ir para a margem de um grande rio com anzol minúsculo e passar o dia pescando lambarizinhos. Vou anotando criteriosamente e, ao cair da tarde, concluo: *neste grande rio só tem lambaris*" (p. 58).

Ainda na linha de tratamento que naquele meu livro dei ao tema, anoto: "Quem tem filhos em casa sujeitos à invasão autoritária da TV, não precisa ler tratados ou fiar-se em pesquisas ditas científicas. O cotidiano mostra-lhes a ditadura que os meios de comunicação pela imagem exerceu, uma vez subvertidos por espúrios interesses econômicos. Este autoritarismo se baseia nas chamadas *técnicas de persuasão*; isto é: o invasor invade, inferioriza com "doçura" o invadido e este acaba ainda confusamente grato ao invasor" (*Ibid.*, p. 59). Desde então, ao invés de ter mudado meus pontos de vista eu os tenho visto praticamente confirmados, não encontrando assim razão para abrandamentos; no entanto, sempre que procurei não perder a visão dialética ou bipolar que também inclui coisas muito boas que nos vêm da TV, seja como profusão de informações, seja como benefícios culturais; afinal, diariamente recebemos em nossas casas atores notáveis como Fernanda Montenegro, Ney Latorraca, o jovem e brilhante Selton Mello, Raul Cortez, Antonio Fagundes e muitos outros, às vezes trazendo-nos textos inesquecíveis de Dias Gomes e de outros teatrólogos.

É importante que procuremos ver com clareza que a TV, conquanto hoje em sua maior parte mal explorada e ideologicamente mal conduzida, traz em si uma extraordinária potencialidade de veiculação de cultura, informação, educação e, portanto, cidadania. O professor Ladislau Dowbor, em seu artigo "Os novos espaços de conhecimento", adverte para o que a mídia televisiva poderá fazer e aponta para o que esta já está fazendo em outros países. Escreve Dowbor: "Outra área que está surgindo com força, pelo potencial que representa, é a reorientação da *televisão e da mídia em geral*. Há um gigantesco capital acumulado, que são os aparelhos de televisão instalados em três quartos dos domicílios do país (Brasil). Um bom exemplo de aproveitamento deste capital é o Public Broadcasting Service (PBS) dos Estados Unidos, assistido por mais de 90 milhões de pessoas, com programas educacionais diversos de gigantesco impacto cultural no país. A rede não é nem privada nem Estatal, é gerida por um conselho que envolve televisões locais e organizações comunitárias, com forte representação de instituições de ensino. Se considerarmos que a população, e em particular as crianças assistem a programas de televisão algumas horas por dia, é evidente que uma reorganização de nossa mídia, no sentido de elevar o nível científico e tecnológico da população, poderia ter efeitos significativos. E a rede tem índices de audiência muito elevados, pela própria qualidade dos programas e estrutura descentralizada que permite participação local efetiva" (revista *Transinformação*, vol 7, nº 1/2/3, 1995, pp.23-24).

Dowbor lembra que, enquanto a PBS-USA gasta 1,3 bilhões de dólares com sua programação, o Brasil gasta 3 bilhões de dólares só em publicidade. Atentemos para que, na citação feita, Dowbor fala de elevar-se os níveis científico e tecnológico da população; penso também em que a mídia televisiva poderia contribuir para melhorar aspectos de apreciação estética (arte), de sensibilidade e educação para o cotidiano. Normalmente, e sempre respeitadas as exceções, oferece-se ao público o que há de pior e mais supérfluo na música e no teleteatro, por exemplo; quando o Brasil é considerado um fenomenal celeiro de talentos teatrais, tendo uma das produções mais

importantes do mundo em música popular, como seguidamente comentam artistas e maestros estrangeiros. E para abatermos de vez esse preconceito de que ao povo deve-se oferecer bestialogias ("porque é isto que ele capta"), observemos as apresentações públicas de orquestras estrangeiras e nacionais de música erudita, bem como shows de notáveis artistas da MPB - como Djavan, Chico Buarque, Daniela Mercury e outros; o povo acorre a estes espetáculos e os aplaude emocionadamente. Não podemos esquecer as históricas exposições de Rodin, Monet ou Camile Claudel, que o povo quis avidamente ver.

Cerca de 70 milhões de aparelhos de televisão a serviço de uma mídia responsável, significariam a maior rede de formação educacional e cultural jamais vista.

2. TELEVISÃO: PROBLEMAS E VIOLÊNCIAS MAIS SUTIS

Ciro Marcondes Filho, ao manter inteligentemente o equilíbrio analítico de seu livro já citado (*Televisão: a vida pelo vídeo*, 1988), anota que: "Televisão, jornal, rádio, todos os grandes meios de comunicação têm responsabilidade sobre as emissões que eles próprios produzem: 1) no trabalho jornalístico ampliam, reduzem ou ignoram fatos segundo suas conveniências ou interesses; 2) apesar de poucos, numericamente, os meios de comunicação obtêm grande eco social para suas transmissões; 3) como empresas, estão ligados a outros grandes grupos econômicos e defendem os interesses deles, mascarando-os de 'interesse de toda a sociedade'; 4) ignoram ou asfixiam, em contrapartida, pequenos meios de comunicação, especialmente os de minorias sociais ou de classes desfavorecidas; 5) nos programas ficcionais e de entretenimento, superficializam os temas sérios e relevantes (tanto no texto como na supervalorização da imagem); 6) esvaziam os temas, reduzindo-os a puros clichês e signos; 7) impõem modelos estéticos de comportamento, de linguagem, de sexualidade, de prazer, de lazer, como se fossem modelos globais

e não modelos artificialmente construídos para vender mercadorias; 8) privilegiam (também no trabalho jornalístico) a espetacularização dos fatos, tornando-os já de antemão neutralizados, isolando a participação do público; 9) supervalorizam o âmbito da magia, do impacto, das experiências puramente mentais” (pp.93-94).

Eis, portanto, Marcondes Filho admitindo o poder grandemente manipulador da mídia em geral, em especial da televisiva. Pois é nesta questão das manipulações que quero deter-me um tanto, para o mesmo convidando o leitor.

John M. Staudenmaier, em seu ensaio “Os meios de comunicação: técnica e cultura” (Concilium/ 250 - 1993/6: 18-27), anota: “Em primeiro lugar, as crianças precisam adquirir um hábito de *passividade* para ajudá-las a assistir televisão sem confusão intolerável. Em certo momento elas aprendem que responder à televisão não adianta nada; que os que parecem estar conversando *com* elas na realidade apenas *falam para* elas; que ninguém no universo da TV quer ser interrompido” (p. 21). Ora, este aprendizado da passividade na criança, consolida-se no adulto; e tal passividade abrirá campo privilegiado às manipulações acima tão bem enunciadas por Marcondes Filho.

Uma forma sutil mas efetiva de violência muito trabalhada é a *espetacularização do lúdico*; se deixarmos o rigor do sentido psiquiátrico das palavras *idiotia* e *idiota*, para usarmos tais termos em sentido mais livre e figurado, podemos tranqüilamente afirmar que a espetacularização do lúdico é idiotizante. Afinal, o lúdico não é para ser assistido; é para ser vivido, existencializado. Sílvio Santos, Faustão ou quaisquer outros apresentadores que espetacularizam o lúdico, estão todos trocando a vida por *substitutos do viver*, o que se traduz em empobrecimento humano premeditado - configurando-se como forma mais ou menos sutil de violência praticada pela TV.

O carnavalesco e artista Joãozinho Trinta fez certa vez, na década de 70, uma afirmação que divertiu nosso país; reagindo a críticas politizadas aos espetáculos hollywoodianos que promovia nos

desfiles na Escola de Samba Beija-Flor, disse: "Pobre gosta de luxo. Quem gosta de miséria é intelectual". Isto tem sua inegável graça e até compreendemos a explosão irônica de Joãozinho Trinta, sobretudo considerando-se que o carnaval é festa de uma vez por ano. No entanto, no que respeita a longas novelas de TV que se desenrolam em ambientes de altíssimo luxo, vemos claro que a fantasia que explora e manipula *carências*, sem qualquer recurso crítico, é também idiotizante; cria e cultiva, maldosamente, os humilhados sorridentes. Claro que o mesmo se deve dizer de revistas que exibem residências e modos esnobes de vida dos 2% de brasileiros que detêm 60% da riqueza nacional, gerando milhões de pobres e miseráveis. Como-me ver os humilhados sorridentes, embasbacados ante as mansões fantásticas de muitas novelas de TV.

Do mesmo modo, a miséria espetacularizada acaba transformando-se em caricatura; perde sua densidade e profundidade humana, mostrando-se superficialmente tratada e, portanto, posta como desimportante. Grande é a responsabilidade dos meios de comunicação no encontrarem o tom e a linguagem adequados a um tratamento não desfigurante das situações humanas. Tivemos, por mais tempo do que o suportável, ao cair da noite um programa policial em uma das grandes redes brasileiras que explorava a desgraça e os desacertos humanos com rufar circense de tambores, quando não com a irresponsabilidade de apresentar (como sensacional "furo" jornalístico) um traumático momento de suicídio. Vamos repicar os tambores, acender luzes especiais e falar gritando, melodramaticamente, porque um ser humano vai-nos proporcionar a grande emoção de matar-se frente as câmeras e "ao vivo". Quanta insensibilidade e quanta morbidez!

A maior parte dos telejornais e outras reportagens, seguem atirando toneladas de violência sobre uma gente já ferida, diminuída e amedrontada; ora, isto significa alimentar o lado doente de uma sociedade, inflamando seu ressentimento latente ou já aflorado; significa muitas vezes, à revelia das civilizadas noções de direito, instigar o meio social a retroceder às formas mais primitivas de

sentimentos de vingança. Então, multiplicam-se os linchamentos, as depredações, e outras explosões de massas. É claro que os teóricos, vinculados de alguma forma a interesses da mídia, negam tudo isto, inocentando - como vimos atrás - a TV de tais males, através das chamadas pesquisas científicas. Nós, homens e mulheres atingidos direta ou indiretamente pela violência, olhamos para o nosso mundo, vemos o que vemos e... não podemos menosprezar o que é palpável e visível.

Ocorre que a "doutrinação" que sofremos diariamente, das TVs em especial, às vezes é incorporada ao nosso modo de ver o mundo e de pensar, sem que a maior parte dos telespectadores - sobretudo no caso do Brasil - se perceba invadida doutrinarmente. Um assalto sutil e, em muitos casos, imperceptível.

Profissionais de televisão têm um aparente impasse a resolver; como a TV vive dos níveis de audiência, ou ela satisfaz as predileções populares e obtém patrocinadores ou não conseguirá sustentação econômica. Aparentemente, não há saída num circo irresponsável. Ai há de fato um problema de ordem imediata, mas há também soluções de médio prazo; afinal, o ser humano é fascinado por imagens móveis e quando, na década de 50, tivemos por primeiro televisão, nós nos entusiasmos com shows musicais, teleteatros com características domésticas, telejornais apenas lidos e futebol - e o povo brasileiro talvez não fosse mais culto do que agora. Às vezes é necessário pesquisar em profundidade, para se evitar visões preconceituosas de que o público é energúmeno mesmo, sendo inevitável oferecer-lhe essas quermesses televisivas.

Como já disse a outro propósito em livro sobre educação (*O que é ensinar*, 1986), inexistem temas tediosos; o que existe são formas tediosas de se tratar certos temas. Quando se busca, com simplicidade e objetividade, a linguagem adequada, pode-se veicular aos telespectadores coisas de boa qualidade humana e cultural. Sobre isto pode pontificar a TV-Cultura (S. Paulo), que tem sido várias vezes premiada aqui e no estrangeiro sem fazer concessões reles, e

que depois de um paciente trabalho tem muito bons níveis de audiência. Além disto, há redes muito ricas - verdadeiros impérios econômicos - que hoje podem investir muito mais do que investem em benefícios culturais para a população. Assim que, a questão da dependência dos níveis de audiência pesquisados apresentada como sem saída, só o é em algumas circunstâncias. Tal questão não pode seguir justificando *sempre* a má qualidade ideológica e cultural da TV brasileira.

M.A. Erasquín, na obra coletiva *Os teledependentes* (1980), aborda a questão do quanto a televisão tem dificultado a tarefa de educação e ensino das escolas. Há um sentimento de insignificância vivido pelos professores e educadores nas escolas ante os poderes de sedução da linguagem dos produtores de televisão em intervir em valores e criar "necessidades" na linha do consumismo. Alguns educadores dizem mesmo: "A escola faz e a TV desfaz", ocorrendo semelhante com a família. Acontece que as escolas (em especial as boas escolas) defendem ainda certa *continuidade* ritmada na construção do saber, bem como reconhecem a necessidade de *integração* dos saberes; ao passo que na linguagem sincopada da televisão, quase tudo é fragmentaridade, multiplicidade sem preocupação integrativa. Ora, os filmes feitos para TV (cinematografia televisiva) não alcançam a densidade dos filmes de cinema, porque atomizam tomadas e cenas para agilizar a estória e, assim, mexer com as tensões psicológicas dos telespectadores.

As boas escolas ainda estão preocupadas em respeitar os ritmos de maturação emocional de crianças e adolescentes, enquanto a TV não se importa de atropelar tais ritmos - às vezes impondo a faixas etárias imaturas temas e soluções de vídeo muito pesadas, impressionantes e mesmo estressantes. Enquanto as escolas investem na imaginação dos alunos, a televisão invade seu espaço mental e substitui as criações imaginosas dos educandos por seus produtos pré-resolvidos. Se as escolas de qualidade ainda acreditam em *convivência* e *vida solidária*, a mídia televisiva e a sua multimídia empurram para o individualismo. Nos ambientes escolares, educadores

valorizam e buscam ensinar os educandos a valorizarem a *vida refletida* e meditada; mas a voragem de sons e luzes em ritmo veloz da TV desmotiva o pensar, promove uma espécie de obsolescência do refletir.

Estes e muitos outros aspectos Erasusquín e outros autores abordam na obra citada, que se volta especificamente para as crianças e pubertários.

Já que neste item do presente capítulo examino aspectos mais sutis da violência suscitada pela TV, não poderia deixar de determe um tanto sobre questões que ligam sexualidade e mercado financeiro. Ocorre que algumas redes de televisão resolveram-se a promover a *liberação sexual*; claro que tal liberação é coisa muito necessária, seja em razão das repressões preconceituosas e contraproducentes do passado, seja porque nosso país detém o recorde de pessoas internadas em sanatórios para doenças mentais, vitimadas por uma espécie de "curto-circuito" entre religiosidade e sexualidade que lhes ocorrem em sua história de vida. Eis porque muitos e muitos especialistas têm tentado pensar formas de se lograr uma liberação sexual em clima de responsabilidade, permitindo que o sexo assumira toda a beleza e a dignidade que lhe são inerentes.

Neste ponto, entram certas redes de TV promovendo um verdadeiro desastre sexual; trazendo para as novelas cenas de filmes americanos em que duas pessoas acabam de se conhecer e em seguida estão na cama fazendo sexo, bem como promovendo reportagens - para o público nacional - que fazem "fococas" do tipo "Quando você transou pela primeira vez? Como foi, foi bom?" Gravando séries de teleteatro em que parceiros sexuais são apresentados como *produtos descartáveis*, assim a televisão tem logrado dinamitar o verdadeiro sentido de liberação sexual ou substituí-lo inteiramente por muita banalização e vulgaridade. Esta parece-me ser uma grande violência contra o meio social: em vez de dar algo de que a sociedade necessita, oferecer-lhe muito menos do que uma caricatura disto - com todas as conseqüências familiares e pessoais disto.

Alguém estará, agora, perguntando-se: "Mas por que a TV fez isso? Por mera perversidade? Por uma maldade gratuita?" É claro que não é isto. Por detrás desse desastre estão o delírio do lucro e a sociedade de consumo. Ora, quanto mais independentes os filhos e filhas - quanto mais fechados em um mundo "seu" - maior a facilidade de se transformar a adolescência e a juventude num *mercado*; assim se criará: música para jovens, moda (vestuário) jovem, hábitos de jovens (como os dos adolescentes de *shoppings*), etc. Adultos ambiciosos e irresponsáveis fazem o *marketing* da adolescência e da juventude e as famílias ficam com o ônus dessa armadilha terrível. E há os suficientemente ingênuos que, quase sonambulicamente, se perguntam: "Por que tanta distância entre os jovens e os adultos?" Não são muitos os que enxergam os interesses de lucro postos acima da felicidade das pessoas e da harmonia das famílias.

Violências são sempre violências. Mas, as que vimos examinando nesta parte do presente capítulo são aquelas cujas manobras ficam, às vezes, imperceptíveis - especialmente quando o nível crítico da maior parte da população é precário. Claro: uma coisa é assistir à TV com sentido crítico e autodefesa, outra coisa é "beber" suas mensagens de modo indefeso. Assim pensando, não poderemos deixar de parte os problemas criados pelas formas de publicidade e propaganda veiculadas pela imagem (propagandas eletrônicas de imagens e textos móveis estilo telão, outdoors e principalmente a propaganda concebida e realizada para televisão). A par de publicidades muito inteligentes e bem humoradas, concepções e realizações muitas vezes brilhantes mesmo, há propagandas que intencionalmente apelam para conteúdos emocionais irresolvidos e, por isso, eruptivos; estas já foram até apeladas de propagandas "apelativas" (num sentido negativo), porque praticam sérias violências contra pessoas e grupos humanos. É, por assim dizer, a liturgia do superficialismo consumista sem mascaramentos e atenuações.

Após quase um século de leituras em Freud e outros psicanalistas, ainda não são muitas as pessoas que fazem devida

distinção entre *sexualidade* e *genitalidade*. Isto é: a genitalidade está contida na sexualidade, constituindo um dos seus importantes aspectos, porém a sexualidade é imensamente maior do que a genitalidade. Para usar uma imagem do Dr. Freud: as relações sexuais (genitalidade) são apenas a ponta de um *iceberg*, pois é a sexualidade que nos dá alegria de viver, de investigar e conhecer, de criar arte, ciência, filosofia; é ela que nos permite ter uma relação erótica (de prazer) com o trabalho e com toda a vida.

Pois o erotismo fortemente empregado na publicidade não passa de uma composição grosseira de genitalidade com malícia. Comenta-se muito hoje a chocante cena de um comercial alemão em que o gargalo de uma garrafa de refrigerante, molhado, assume aparência de um pênis ereto, sendo que deste se aproxima uma boca feminina adolescente, de forma sensual e com a língua em posição de lamber a garrafa. Foto de alta tecnologia mas que, para vender refrigerante, apela grosseiramente ao chamado sexo oral. Naturalmente que isto mexe com conteúdos complexos das personalidades, detonando imprevisíveis conseqüências naquelas menos resolvidas sexualmente. Isto é coisa violenta que, com freqüência, nossa sociedade revela complacentemente; como propaganda de batons, *lengeries* e até automóveis apresentados como macias e cômodas instalações para encontro sexuais mais rápidos.

O cerco de condicionadores para a violência é feito com elementos extremamente variados. As manipulações são muitas e seu espectro vai desde a contaminação por divulgação explícita até expedientes um tanto velados, dotados de uma sinuosidade que se mostra perfeitamente capaz de ludibriar aos incautos; como costuma acontecer, os mais indefesos (em termos de senso crítico) são os mais vitimados. E não devemos pensar que os mais indefesos são os que *não estudaram*, pois há certas escolaridades - e mesmo certas educações do lar - que mais funcionam como processos de alienação e até de degenerescência precoce. O que se deve considerar aqui não é a quantidade de estudo, mas a qualidade de educação que alguém recebeu e recebe.

3. A VIOLÊNCIA EM RECURSO DE MULTIMÍDIA

A par da mídia televisiva e em estreita relação com esta, desenvolveram-se os recursos ditos de multimídia, os quais trabalham a tríade *som, imagem e texto* em variadas combinações e com diversas finalidades. Entre os numerosos e diversificados recursos de multimídia destacam-se os "jogos de vídeo" ou *videogames*, forma de entretenimento industrialmente transformada em verdadeira obsessividade para crianças e adolescentes, bem como para segmentos de adultos fascinados pelos divertimentos eletrônicos. É o lúdico espetacularizado, porém com margem de interatividade prevista: o jogador, ao manipular rápida e habilmente comandos manuais de variadas formas, pode (ainda que limitadamente) intervir no que se passa no vídeo e tentar *ganhar o jogo* superando fases de dificuldade crescente.

O Japão e os Estados Unidos praticamente comandam a produção e comercialização de uma tecnologia que se tem sofisticado de modo muito veloz, tendo evoluído aos ingênuos aparelhos conhecidos como ATARI, nos quais a formação das figuras e quadros com seus movimentos ficava aquém da versatilidade dos desenhos animados, e cujas "estorizinhas de jogo" - por assim dizer - resultavam em brincadeiras divertidas e bastante leves, até os recentes aparelhos do tipo *play station* (com leitura à laser), os quais trouxeram a composições cênicas e caracterizações de personagens que lembram a plasticidade do cinema.

Acontece, entretanto, que os *videogames* põem crianças, adolescentes e adultos em meio a uma "realidade virtual" que crescentemente vem apresentando algumas características problemáticas: a) realidade de intensa competitividade; b) de tal brutalidade e violência nos "enredos" que, sob uma visão crítica, cai para o ridículo - não deixando, porém, de banalizar as agressões físicas, a lida com sangue e mutilações e a morte; c) realidade de intensa estimulação nervosa, com sobrecarga (já comprovada) sobre delicadas atividades neuro-espinais. Seria de argumentar-se que não passa de realidade

“virtual” e, então, a conscientização de virtualidade pode evitar transtornos de percepção e comportamento; mas é necessário não nos esquecermos de que as mentes infantis e adolescentes são muito impressionáveis e, a partir de determinado limite de resistência, rendem-se ao virtual de forma quase hipnótica, sendo que em alguns adultos a coisa não se passa de modo muito diferente.

O sociólogo Peter L. Berger diz-nos que o ser humano interage com o seu mundo em três momentos fundamentais, que são: a *exteriorização*, que compreende todas as efusões do indivíduo sobre o mundo, em termos de atividade física ou mental; com a exteriorização, a criatividade humana oferece ao ambiente suas produções. Segue-se o momento da *objetivação*, que é a conquista, por parte das produções humanas, de um grau de “coisificação”, o produzido agora defrontando-se com seu produtor como uma realidade exterior e independente dele. Vem, por conseguinte, o momento da *interiorização*, que é uma espécie de reabsorção daquilo que antes foi objetivado - transformando este último, de forma reversiva, de estruturas do mundo objetivo a estruturas de pensamento novamente (1985: 16).

Noutras palavras: o ser humano cria, expandindo-se para fora de si e “derramando” seus conteúdos no ambiente; as criações do homem transformam-se em objetos (coisas, valores, normas, costumes, etc.) e, num terceiro momento, a realidade objetiva é interiorizada de novo e transformada em estruturas interiores. Ora, estas coisas acontecem em situações de inteira normalidade porque este é o processo de relação do ser humano com o seu mundo; agora pensemos que, quando poderosas formas de sugestão são intencionalmente usadas, a reabsorção ou interiorização produz impactos quase indescritíveis nos estados cerebrais e mentais do homem - em especial na situação de grande impressionabilidade da criança e do adolescente. Ora, o que penetra na interioridade humana pela sensibilidade e pela razão transforma-se em forças poderosas que agem sobre o organismo, no processo conhecido pelo nome de *somatização*.

Em um outro livro meu (*Ecologia da mente*, 1993), apresentei alguns comentários de Spencer Lewis sobre sugestões em transe hipnóticos. Há, especialmente, um experimento que naquele livro descrevo da seguinte maneira: "Alguém é hipnotizado e, uma vez entregue confiantemente ao comando do hipnotizador, recebe ordem para abrir os olhos sem sair do transe; o hipnotizado abre os olhos e enxerga nas mãos do hipnotizador uma caneta. Mas a voz de comando diz-lhe que não se trata de uma caneta e sim de uma pequena peça de metal incandescente; ainda com os olhos abertos o hipnotizado passa a enxergar o que lhe ordena o hipnotizador, assustando-se com o calor intenso que emana do metal aquecido ao rubro. Sob a força da sugestão hipnótica, a inofensiva caneta se transmuta e, quando o sugestionador depõe-na na mão do sugestionado, este se contorce e geme de dor; mantida por certo tempo a sugestão, pode-se verificar, depois de desperto do transe, o hipnotizado com uma grande bolha d'água de queimadura na mão. Torna-se, então, necessário tratar ambulatorialmente aquela queimadura na qual não participou qualquer fogo, ácido ou objeto aquecido. Introjetada a sugestão, as reações orgânicas passam a ser inteiramente mobilizadas pela mente" (MORAIS, 1993: 29).

É claro que há muitos níveis de sugestão. Mas na impressionabilidade humana, dependendo dos recursos que são usados, a fronteira entre lucidez e hipnose é muito difusa; isto é: será necessário distinguir-se *lucidez plena de vigília semi-hipnótica*, conforme vários autores de hipnoterapia nos têm ensinado.

Há pouco mais de um ano, periódicos brasileiros noticiaram, em sobressalto, um macabro episódio que teve lugar e ocasião nos Estados Unidos. Dois meninos jogavam, havia muito tempo e freneticamente, um jogo de vídeo intitulado "Hell" (Inferno) produzido pela 3DO; como o título já faz suspeitar, trata-se de seqüências de imagens e movimentos de alto teor de violência, com tensão estressante, muito sangue, sustos e suspenses, com desencadeamento simultâneo de medo e ira; as imagens são sombrias e a rápida linguagem de vídeo acrescenta perfeitas possibilidades de que sejam

provocadas alterações nervosas e emocionais. Súbito, o garoto convidado entrou em temporário surto como de loucura, atravessou seu amiguinho com uma arma branca de caça; em seguida alcançou uma arma de fogo, com a qual disparou contra a mãe do amigo (dona da casa) e contra a irmã do garoto que o convidara. Deu-se triplo assassinato, mas, o que é pior, o pequeno matador suicidou em seguida. analiso uma tragédia como esta, vendo o infeliz matador, dos outros e de si, como vítima da irresponsabilidade da indústria de *videogames*, protagonizando tanta tristeza - a meu ver - em estado de vigília semi-hipnótica, no limite da hipnose plena.

Investigando embalagens de jogos para aparelho "Mega Drive" e textos impressos em Cds para aparelho "Play Station", eu próprio encontrei recomendações dos produtores de que não se jogasse prolongadamente ou em condições de isolamento tais e tais jogos, de vez que estes poderiam estimular focos de disritmia cerebral e produzir convulsões de tipo epiléptico. Penso que fica evidente serem jogos com potencial de desequilíbrio neuropsíquico em razão de seu potencial de ação sobre as ondas cerebrais; logo, evidencia-se também a possibilidade de gerar irritações, confusões mentais e ações violentas. No entanto, até hoje não me consta maior empenho da Organização Mundial de Saúde (OMS) contra essa terrível indústria; refiro-me a denúncias fortes, fundamentadas e insistentes, bem como a busca de geração de dispositivos legais que penalizem as irresponsabilidades, para mim de cores genocidas (em termos de genocídio cultural e psíquico), praticadas livremente por hiperpotências econômicas do mundo.

Com auxílio de meu filho de 12 anos (David), tenho investigado opções de *videogame*; com raras exceções, o que temos encontrado é material de alta contaminação psíquica e nervosa, como o jogo "Resident Evil" (para Play Station) e o jogo "D-Drácula" ou os jogos "Doom 1, 2 e Final" (também para Play Station), todos muito violentos, sangrentos, tensificantes criadores de ambiência sombria. "Mortal Kombat"? Esse jogo de Play Station que transformou-se numa febre entre crianças e adolescentes mereceu três edições diferentes

(n^os 1, 2 e 3); jogo exageradamente brutal, chegando a ser de uma violência grotesca, mas de visível impacto sobre as sensibilidades infantil e adolescente.

Mas só se tem isto? Ou há demonstrações palpáveis de que o *videogame* pode ser suave e calmante, de bom "astral" e até mesmo com valor artístico? Tais demonstrações existem, e cito um exemplo, para não alongar em demasia esta abordagem; trata-se de um jogo intitulado "Myst" (para aparelho Sega Saturn), cuja trama é inteligente sem ser sofisticada, a seqüência de imagens e movimentos é suave e dotada de um colorido repousante; tem a dose de suspense adequada a tornar interessante jogá-lo, mas sem exageros e sem cenas brutais. Segundo meninos que tenho ouvido, é até aconselhável e calmante. "Um barato muito manero", como dizem os garotos.

Então não há nenhuma inevitabilidade de que os jogos de vídeo sejam violentos e estressantes; o que há é má intenção mesmo. Está mais do que na hora de começarmos a investigar que interesses estão por trás de tanta violência, que tenham a ver com o mercado e o consumo - com seus "ideais" implacáveis.

Dizer-se, portanto, que a mídia (especialmente a televisiva) tem pouco a ver com a desnorteante maré montante de violência que hoje nos aflige, é querer-se tapar o sol com uma peneira. E o mesmo, de maneiras diversas e em graus diferentes também, acontece à nossa sociedade - sobretudo nos segmentos de infância e adolescência - sob os efeitos dos *videogames* como elementos de multimídia.

Aqui volto à afirmação do antropólogo Ashley Montagu, já mencionado no primeiro capítulo, de que o ser humano é infinitamente educável, mantendo-se constantemente possível reverter quadros que lhe são negativos e destrutivos. Primeiro têm que acontecer denúncias e conscientização; depois, precisa a sociedade QUERER mudar as coisas e reverter uma situação desfavorável; e por fim, é necessário que as mais diversas frentes educativas da sociedade não se acovardem e se unam para exigir mais respeito e mesmo caridade para com suas crianças, adolescentes e jovens.

Os ecologistas da ecologia biosférica nunca se deixaram abater, mesmo ante as grandes potências do mundo capitalista ou não; por que os ecologistas que defendem uma ecologia da mente se deixarão abater?

BIBLIOGRAFIA

- BATESON, Gregory. *Pasos hacia una ecologia de la mente*, Buenos Aires: Ed. Carlos Lohlé, 1985.
- BERGER, Peter L. *O dossel sagrado - sociologia da religião*, São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.
- BERGER, René. *A tele-fissão - alerta à televisão*, S. Paulo: Ed. Loyola, 1979.
- DOWBOR, Ladislau. "Os novos espaços do conhecimento", in *Transinformação*, vol. 7, nºs 1, 2 e 3, 1995.
- ERAUSQUÍN, M.A. et alii. *Os teledependentes*, São Paulo: Summus Editorial, 1980.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Televisão: a vida pelo vídeo*. São Paulo: Editora Moderna, 13ª ed., 1988.
- MATURANA, Humberto. *Emociones y lenguaje en educación y política*, Santiago de Chile: Ed. Hachette, 5ª ed., 1992.
- MORAIS, Regis. *O que é violência urbana*, São Paulo: Brasiliense, 1981.
- STAUDENMAIER, John M., "Os meios de comunicação: técnica e cultura", in *Concilium*, 250, Ed. Vozes, 1993/6.